

## Spartakus midiaticado: narrativas catárticas do cotidiano de bichas pretas

### RESUMO

O artigo pertence a uma pesquisa ampliada cujo objetivo é investigar o cotidiano midiaticado de jovens bichas pretas. Nesse recorte, em particular, analisamos o vídeo “A solidão do gay negro: desabafo e mensagem pras bichas pretas”, do *youtuber e digital influencer* Spartakus Santiago. A partir de pesquisa exploratória, por meio de percurso bibliográfico e análise de conteúdo, problematizamos a ambiência midiática do YouTube e a atuação de influenciadores que tomam esse espaço, utilizando de narrativas catárticas, como ferramenta de vocalização de sujeitos marginalizados e oprimidos por narrativas distópicas advindas da supremacia branca e heteronormativa da sociedade. Espera-se com o estudo compreender a construção de uma linguagem que pode funcionar como uma estratégia de sobrevivência para corpos que estão em condição de extrema violência. Ou seja, demonstrar de que maneira tribalismos digitais afrocentrados podem resgatar a autoestima de jovens gays negros e oferecer outras percepções e perspectivas de seus próprios corpos e mentes, fugindo, assim, do aniquilamento de suas subjetividades perpetrado por uma sociedade racista, machista, classista e lgbtifóbica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Midiaticação. Racismo. Homofobia. Cotidiano. YouTube.

#### Renata Rezende

E-mail: [renatarezende@id.uff.br](mailto:renatarezende@id.uff.br)  
Universidade Federal Fluminense,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,  
Brasil

#### Diego Cotta

E-mail: [diegocotta@id.uff.br](mailto:diegocotta@id.uff.br)  
Universidade Federal Fluminense,  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,  
Brasil

## INTRODUÇÃO

Em oito de dezembro de 2019, Renys Ferreira cometeu suicídio durante a reunião da Frente de Coletivos e Movimento LGBTI+ do Rio de Janeiro, na Casa Nem — refúgio para pessoas LGBTI+<sup>1</sup>, em sua maioria transexuais, que foram expulsas de suas respectivas casas por conta de orientação sexual e/ou identidade de gênero. Segundo nota divulgada pelo Movimento Unificado pela Diversidade (MUDi), o jovem de 24 anos e natural de Ribeirão Preto (SP) chegou à cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego na área de dramaturgia, enfrentando uma realidade comum aos demais membros da casa: “desemprego, falta de um celular para se comunicar, o estigma de quem convive com HIV e depressão”<sup>2</sup>.

Além de gay, Ferreira era negro e sua morte atualiza os alarmantes números da cartilha “Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros”, relançada pelo Ministério da Saúde durante o I Seminário Nacional de Saúde da População Negra na Atenção Primária, em maio de 2019. Segundo o documento, entre 2012 e 2016, houve um aumento de 12% no risco de suicídio para jovens negros com até 29 anos, mas o índice dos brancos permaneceu estável.

Os dados mostram, ainda, que entre jovens negros com até 29 anos, o índice de suicídio é 45% maior do que o de brancos. Quando se calcula essa taxa entre os jovens e adolescentes negros do gênero masculino, a probabilidade de suicídio é 50% maior nesta parcela do que entre brancos na mesma faixa etária (BRASIL, 2018).

De cada dez suicídios entre adolescentes e jovens, aproximadamente seis são de negros. Segundo o Ministério da Saúde, “os modos de adoecer e morrer da população negra no Brasil refletem contextos de vulnerabilidade que são expressos em iniquidades em saúde” (BRASIL, 2018, p. 2). Para a coordenadora do estudo e presidente da Associação de Medicina da Família e Comunidade do Rio de Janeiro, Rita Borret (2019), é na faixa etária da juventude que as pessoas “se descobrem como identidade” e se “percebem como indivíduos”.

Em uma sociedade que é racista, que entende que o negro necessariamente é inferior, subjugado, isso traz um grau de sofrimento muito maior e leva ao adoecimento e a tentativas de suicídio. Esse é simplesmente o mais alto grau de sofrimento que uma pessoa pode experimentar. A grande causa é o racismo estrutural, que define praticamente toda a nossa sociedade e que determina os lugares sociais a partir da raça com que as pessoas nascem. É uma questão estrutural porque constrói uma sociedade desigual. Os negros são considerados incapazes, selvagens. (BORRET, 2019, s. p.)

Quando relacionamos questões como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero, podemos inferir que este sofrimento recrudescerá ainda mais. A desigualdade social brasileira atrelada ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e à lgbtifobia cria um ambiente distópico<sup>3</sup> de falta de perspectiva de vida e baixa autoestima para a população negra e gay, duplamente rechaçada e marginalizada pela heteronormatividade branca. As representações do negro pobre, insolente, selvagem e do gay promíscuo, doente, caricato replicam narrativas de racismo e homofobia que moldam imaginários sociais<sup>4</sup> e materializam práticas de morte cotidianamente, seja por assassinatos com requintes de crueldade<sup>5</sup> ou por suicídio.

Há vários exemplos de como a heteronormatividade atravessa e enquadra corpos e existências, inclusive dentro de espaços constituídos por LGBTI+. A situação se torna ainda mais complexa quando a analisamos sob a perspectiva das intersecções entre racismo e lgbtifobia. Frente a isso, no presente urgente de nosso tempo, observamos a emergência de iniciativas que resistem e afirmam outros corpos, nas quais outros modelos de imagens têm se multiplicado e fortalecido um movimento insurreto, que não só propõe, mas também pratica, discursivamente, outras vivências possíveis. Modos de fazer e existir que encontram brechas no cotidiano distópico do racismo e da lgbtifobia da sociedade brasileira.

No espaço midiático do YouTube<sup>6</sup>, percebemos uma efervescência na cena afro-gay-digital, a partir de experiências encarnadas em outras narrativas que escapam a essa distopia. Afinal, o que é ser “bicha, preta” e jovem no Brasil, onde 67% da população busca informação, prioritariamente, por meio de redes sociais na Internet<sup>7</sup>? Quais práticas do cotidiano de jovens negros gays podem ser compreendidas como micro-resistências às narrativas distópicas?

Em novembro de 2018, o canal do YouTube Muro Pequeno<sup>8</sup>, que conta com quase 140 mil inscritos, publicou uma série de cinco vídeos intitulada #HomemNegro. A realização foi apoiada pelo programa *Creators for Change*<sup>9</sup>, do próprio YouTube, que é “uma iniciativa global contínua e destaca criadores de conteúdo inspiradores que usam a plataforma para iniciar conversas produtivas sobre temas delicados e gerar impacto no mundo”. O quinto vídeo da série, nomeado “#HomemNegro 5: Bichas pretas e a masculinidade”<sup>10</sup>, com mais de 24 mil visualizações, reuniu doze reconhecidos *youtubers* que compartilharam suas vivências e propuseram reflexões e provocações para a construção de novas masculinidades. São eles: Claudio Lima, Jean Fontes, Cleyton Santana, Spartakus Santiago, Biel Braga, Sam Santos, Samuel Gomes, Marco Antônio Fera, Valtinho Rege, Jota C. Santos, Joely Nunes e Murilo Araújo.

Sem nos atermos, por hora, na questão da apropriação cultural<sup>11</sup> e nas problematizações do capitalismo algorítmico perpetrado por empresas como o YouTube, podemos inferir que dois aspectos atravessaram o debate: primeiro, os modos como as vivências desses jovens com o racismo são diferentes por serem gays; segundo, pela forma como a própria comunidade LGBTI+ também reproduz estereótipos e padrões racistas que impactam diretamente suas vidas. A “bicha preta” se encontra em um limbo, massacrada pela correlação de opressões sofridas, advindas do racismo, machismo e lgbtifobia. Reflexos de uma chamada interseccionalidade, pois

os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são, por vezes, definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Nesse sentido, como exemplo, debatemos alguns aspectos, problematizando o conteúdo de um dos vídeos mais populares do *youtuber* Spartakus Santiago, intitulado “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”<sup>12</sup>.

O recorte a partir desse *youtuber*, em especial, deve-se ao fato de que seu canal é um dos primeiros do gênero a debater questões relacionadas à lgbtifobia e ao racismo, datado em outubro de 2007 — dois anos após o lançamento da plataforma de *streaming* YouTube na Internet. Além disso, Spartakus coleciona números significativos de alcance dos conteúdos produzidos: mais de 224 mil inscritos e 6 milhões de visualizações no YouTube somados a mais de meio milhão de fãs no Facebook, 57 mil seguidores no Twitter e 372 mil no Instagram. O *digital influencer* também se destaca por sua característica transmídia ao vocalizar tais questões em outros veículos de Comunicação, participando de programas de TV, como o “Encontro com Fátima Bernardes”<sup>13</sup>, da Rede Globo de Televisão; matérias jornalísticas de mídia impressa (VEJA SP)<sup>14</sup> e online (Portal Terra)<sup>15</sup>. Em novembro de 2017, foi um dos convidados para a inauguração do “YouTube Space”, no Rio de Janeiro, sendo um dos seus garotos-propaganda na página oficial da empresa<sup>16</sup>.

A partir de pesquisa exploratória, combinada entre percurso bibliográfico e análise de conteúdo<sup>17</sup>, nosso objetivo é explicitar como as narrativas catárticas (REZENDE, 2016, 2018) do cotidiano de “bichas pretas” no YouTube podem ser compreendidas por meio de comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014), possibilitando tribalismos digitais afrocentrados e fugas ao aniquilamento das subjetividades negras e gays, perpetradas por uma sociedade racista e lgbtifóbica.

Nossa hipótese é que a ambiência midiática, especialmente a plataforma de compartilhamento de audiovisuais YouTube, vem se constituindo como ferramenta de vocalização de sujeitos marginalizados e oprimidos por narrativas distópicas de supremacia branca, heteronormativa e classista. Por vocalização compreendemos a ampliação de vozes para chamar, conectar os indivíduos em uma determinada narrativa e com determinada finalidade. Nesse sentido, uma espécie de micro-resistência (CERTEAU, 2004) que golpeia sutilmente o sistema opressor e aniquilador de subjetividades negras e gays.

É nesse contexto que corpos subalternizados e vivências violentadas pela dinâmica do racismo e da lgbtifobia resistem; e é sobre esta brecha que este texto se debruça. Que tipo de prática está sendo instaurada por jovens gays negros, especialmente no campo do simbólico, que a partir de seus afetos e potências, “golpeiam” estados de dominação da branquitude, da classe elitista e da heteronormatividade, permitindo outras possibilidades de vida?

Sob a luz da compreensão de um cotidiano cada vez mais midiaticado, destacamos alguns trechos do vídeo de Spartakus Santiago narrando experiências e situações em que o racismo somado à lgbtifobia e ao machismo vigorou e impactou suas subjetividades. A forma e o conteúdo da mensagem do jovem *youtuber* esboçam uma ambiência midiática regida pela política dos afetos e afetações, um espaço potente de construção identitária e sentimento de pertença dentro do YouTube.

### **Afetos, Potência e Cotidiano**

Spartakus Santiago é um jovem *digital influencer* baiano, formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal Fluminense. Assumidamente “bicha preta”<sup>18</sup>, o jovem possui um canal no YouTube que conta com mais de 220 mil inscritos. Com o slogan “desconstruindo a cultura pop”, seu canal, lançado em 13 de outubro de 2007, é um conglomerado de vídeos que versam sobre suas

vivências, na maioria das vezes, discutindo o cotidiano de gays negros e as problematizações advindas de temas polêmicos que cruzam racismo e lgbtifobia, como relacionamentos interracialis, solidão, “masculinidades tóxicas”, meritocracia, sistema de cotas, “colorismo”, “passabilidade”, apropriação cultural etc. Seus vídeos já ultrapassaram a marca de seis milhões de visualizações.

A fim de debater alguns aspectos da midiatização da vida cotidiana, a partir de Stig Hjarvard (2014), para quem a midiatização intensiva da cultura e da sociedade não se limita à formação da opinião pública, mas atravessa quase todas as instituições sociais e culturais das relações, nosso objetivo é lançar luz sobre o racismo, a lgbtifobia e a reivindicação por outras representatividades nas mídias, particularmente, a partir da análise do vídeo “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”, que conta com mais de 230 mil visualizações e 3.300 comentários no YouTube.

No vídeo em questão, Spartakus conta a seus seguidores como foi o processo de descoberta de sua sexualidade e as maneiras pelas quais seu corpo era atravessado por dinâmicas de racismo e de lgbtifobia interseccionalizados. Em um tom emotivo, o *youtuber* explicita e exemplifica diversas formas de violência. Em nossa análise inicial, trata-se de uma prática catártica, na qual o *youtuber* realiza a purgação de sentimentos, na maioria trágicos – relacionados ao preconceito, buscando estabelecer uma rede de afetos com seus espectadores.

Essa prática catártica realizada por Spartakus inclui também a observação de um movimento afro-gay-digital insurreto, que busca outras representatividades nos veículos midiáticos contemporâneos. Haja vista que a luta por visibilidade dos movimentos identitários é pauta de inúmeras pesquisas que compõem os estudos sobre a sociedade e a cultura. A filósofa Djamila Ribeiro (2017, p. 75), por exemplo, nos lembra que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”. Desde os anos 1960, com a ascensão do multiculturalismo, percebemos a valorização dos agenciamentos dos sujeitos e suas práticas, ainda que no campo das micro-resistências, como potências disruptivas do *status quo* ou como reinvenções do cotidiano distópico ao qual suas existências estão sendo submetidas.

Em uma perspectiva que leva em conta que a sociedade contemporânea é marcada pelo sistema que capitaliza também os afetos, o economista e filósofo Frédéric Lordon (2015, p. 69) afirma a força do afetar, ou seja, “o poder de uma coisa produzir efeitos sobre outra ou várias outras”. O racismo e a lgbtifobia que afetam “bichas pretas” (com intuito de aniquilar suas subjetividades e domesticar seus corpos em uma norma, fixando estados de dominação e asfixiando existências desviantes), também produzem sujeitos potentes que utilizam as brechas no cotidiano, a partir dos recursos de seu tempo, criando micro-resistências às violências que sofrem. A partir da teoria de Spinoza<sup>19</sup>, Lordon (2015, p.64) afirma que “são as afecções pelas coisas exteriores e os afetos que se seguem que colocam os corpos em movimento, fazendo deles corpos concretamente desejantes, assim determinados a realizar coisas particulares”. E continua:

Se a ação é, a princípio, fenomenologicamente, corpo em movimento, até em atos verbais, que supõem emitir sons fisicamente, então, é um movimento de corpo que exprime a potência conativa do desejo e suas determinações particulares pelas afecções e pelos afetos (LORDON, 2015, p. 64).

A potência dos afetos vem sendo discutida (e valorizada) como força capaz de agenciar os sujeitos para ação no tempo e no espaço, vislumbrando transformações concretas em suas vidas ordinárias. Muniz Sodré (2006, p.32) sugere que há um esforço daqueles que controlam a razão, a moral, de sobrepô-las às emoções e ao afeto porque “(...) o mundo moderno começa a suspeitar mais fortemente dos afetos ou paixões, enquanto instâncias de confusão ou de uma desmedida socialmente indesejável”.

Termos como afeição ou afecção, provenientes de *affectus* e *afectio*, segundo Sodré (2006, p. 28 e 29), referem-se a um conjunto de estados que atuam na função psíquica chamada de afetividade; já afeto, com a mesma etimologia, se refere a uma ação em particular sobre a sensibilidade de determinado ator. Nesse sentido, a ação de afetar, no latim clássico, contém o significado de emoção, pois corresponde a *commuovere*, comportando, um fenômeno afetivo que se define por um estado de choque ou de perturbação na consciência. Desta forma, o afeto pode equivaler à ideia de energia psíquica, “mostra-se, assim, no desejo, na vontade, na disposição psíquica do indivíduo” (SODRÉ, 2006, p. 29), provocado por um disparo de tensão.

Já Michel Maffesoli (2014, p. 23-24) escreve que “a razão raciocinante não é mais o elemento essencial do elo social” e que a contemporaneidade expressa “o retorno do *pathos* à frente da cena social”. O autor elabora uma teoria de valorização do dia a dia e das emoções, que se constituem como essência e força motriz de mudanças paradigmáticas. Em consonância com Muniz Sodré (2006), Maffesoli (2014) defende que o conteúdo racional não é mais importante do que o “continente emocional”; e que é na vida cotidiana, na aparente “desimportância” das práticas corriqueiras do ordinário, que emerge o que ele chama de “potência societal”.

O anódino, o frívolo, o que a priori não é levado em consideração pelas instituições sociais, eis, a meu ver, o que está na origem de todas as mudanças de paradigma. Por sedimentação progressiva, é na vida de todos os dias que se reconstrói o terreno a partir do qual podem crescer e se fortalecer as novas maneiras de ser e de pensar. É o que eu, há muito tempo, propus chamar de potência societal (MAFFESOLI, 2014, p. 34).

Outro autor que nos auxilia na compreensão do poder dos afetos dentro de uma *práxis* que pode não ser transformadora da realidade, mas alivia e golpeia sutilmente, ainda que no campo do simbólico, estados de dominação é Michel de Certeau (2004). Esse autor desenvolve um pensamento interessante sobre táticas e estratégias replicadas pelo homem ordinário em sua vida cotidiana como fuga, ou melhor, enquanto astúcia de sobrevivência diante de um contexto distópico. O autor pensa teoricamente o cotidiano para dar visibilidade às questões subterrâneas, nem sempre visibilizadas por uma cultura hegemônica e dominante em determinados aspectos. Ele valoriza os “modos de fazer”, de dizer, os processos ritualizados do dia a dia, as trocas simbólicas que guardam um notório saber que, invariavelmente, não é refletido ou valorizado epistemologicamente.

Nesse contexto, podemos inferir que a vida ordinária é tomada por uma disputa subconsciente, isto é, uma luta constante instaurada a partir de relações de poder<sup>20</sup> entre grupos hegemônicos e contra-hegemônicos, que competem pelo imaginário com o intuito de inculcar ideários e, por conseguinte, naturalizar práticas de dominação. Daí a importância da teoria de Certeau (2004) como

alternativa aos conformismos diários impostos por mecanismos de poder, estruturais e contínuos, que propiciam a manutenção do racismo e da heteronormatividade patriarcal. Como afirma Certeau (2004), é preciso golpear com sutileza.

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade (CERTEAU, 2004, p. 79).

Canais do YouTube protagonizados por “bichas pretas”, que alcançam milhares de visualizações todos os dias na Internet, parecem emergir, neste tempo urgente e midiaticado, como táticas de combate ao sistema social heteronormativo, patriarcal e racista. Para escapar ao aniquilamento de suas subjetividades, jovens gays negros parecem encontrar nessa plataforma de compartilhamento de vídeos um espaço de catarse à opressão cotidiana que sofrem. Trata-se de uma catarse potente, na qual as “bichas pretas”, como Spartakus Santiago, criam dobras, promovem debates, provocações e reflexões sobre seus sentires e suas vivências, em uma pulsante construção identitária midiaticada.

Essa ambiência midiaticada se torna, então, território confessional, espaço de purgação das emoções e de cura coletiva de dores diárias, que emaranha interações e comentários de reconhecimento mútuo, produzindo, a partir dessas comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014), inúmeras teias de subjetividades coletivas, sentimento de pertença comunitária e novos repertórios, a partir de linguagens audiovisuais repletas de afetos.

### Catarse, Mídia e Representação

Em “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”, Spartakus Santiago se queixa do não-lugar que tais sujeitos “assujeitados”<sup>21</sup> ocupam na sociedade, por entender que a rejeição se estabelece como norma, diante da lgbtifobia e do racismo, gerando sofrimento psíquico com riscos de suicídio, como situamos no início deste texto. Para ele, o gay negro, ao longo de sua vida, desenvolve uma baixa autoestima por não estar inserido nos requisitos que constituem os desejos das pessoas em geral.

“Pra você ser aceito, você tem que ser negão, forte, musculoso, pauzudo e comedor. Se você é gay negro, você não está dentro dessas regras. Você nunca é desejável pelas pessoas; não é visto como bonito (...) Nossa sexualidade é bizarra. Uma grande frustração! (...) Eu tentei ser amigo das pessoas que faziam *bullying* comigo. Foi muito tenso, foi horrível tentar ser algo que você não é. Eu era muito rejeitado!”<sup>22</sup>

O trecho do vídeo confessional de Spartakus evidencia o sentimento de rejeição a partir da elaboração de um imaginário do homem negro viril, reiteradamente desumanizado e tido como desprovido de subjetividades, como afirma o pensador Frantz Fanon (2008). A masculinidade negra, por anos a fio, foi

construída a partir da representação do homem negro como símbolo fálico, consequência de um perverso processo de colonização e implementação do regime escravocrata. A animalidade e a selvageria, imputadas nas representações de homens negros, forjam um ideário hiperssexualizador de seus corpos e aniquilador de suas mentes, que ainda persiste nas sociedades contemporâneas como uma das expressões do racismo.

A teórica feminista bell hooks (2019), ao escrever sobre raça, representação e masculinidades negras, relembra como a figura de seu pai era a própria realização do ideal masculino patriarcal, em detrimento de outros homens negros que não eram obcecados em ser patriarcas e/ou provedores viris de suas respectivas famílias. “Eram homens negros que escolheram estilos de vida alternativos, que questionavam o *status quo*, que se esquivavam do modelo da identidade patriarcal e inventaram a si mesmos” (HOOKS, 2019, p. 173). Desafiavam o que a sociedade impunha como regra do que é ser homem e negro, justamente por serem mais emotivos e, nas palavras de hooks, “carinhosos e generosos”.

A autora também critica a produção acadêmica sobre a família negra por construir, ao longo do tempo, uma representação “rasa” sobre as complexidades dos negros no âmbito social. Para ela, o entendimento da masculinidade negra que se expressa nessas obras

constrói os homens perpetuamente como ‘fracassados’, que são ‘fodidos’ psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista (HOOKS, 2019, p. 174).

Em diálogo com hooks, Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) amplia esta visão e afirma que

essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades ditas periféricas e assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista (OLIVEIRA, 2018, p. 129-130).

É na tentativa de trazer outros contextos de representações a partir de resistências (ainda que localizadas) que compreendemos o canal de Spartakus no YouTube como espaço de expurgação de emoções, que narra e mediatiza o cotidiano do “gay preto”, com objetivo de produzir subjetividades capazes de provocar reflexões mais profundas sobre as dinâmicas do racismo atrelado à lgbtifobia.

Enxergamos o canal do *digital influencer* como um dos pontos de uma rede virtualizada de possibilidades de construção identitária. Ainda que haja diversidade nas linguagens e nos modos de produzir conteúdos, as “bichas pretas” da contemporaneidade dão passos significativos no fortalecimento de um emaranhado digital, cuja característica central é a produção de subjetividades coletivas a partir da narração de suas experiências. Ao conduzir as histórias por meio do YouTube, Spartakus propicia que identidades se reconheçam e estabeleçam território de pertencimento, desconstruindo e (re)construindo repertórios de si. A interatividade com a audiência, estimulada pela ferramenta, a



partir dos inúmeros comentários dos vídeos e das respostas do *youtuber*, fomenta a construção do debate identitário e, conseqüentemente, delimita a formulação do grupo, geralmente calcada em reconhecimento mútuo das experiências narradas.

Em outra passagem do vídeo supracitado, por exemplo, o *youtuber* compartilha a experiência de se relacionar com um estrangeiro:

“por ele ser um homem branco padrão, eu endeusava tanto ele; criava planos na minha cabeça que eu ia ficar com ele. E eu começava a pensar que não fazia sentido ficar com ele porque ele era muito melhor do que eu; era muito mais interessante. O que ele viu em mim?” E constata: “até que eu comecei a notar que ele só me procurava quando ele queria fazer sexo com alguém. Sabe sexo fácil? Eu comecei a notar que eu era uma puta. (...) Ele não queria ter uma conversa, um afeto. Essa é nossa sina: somos vistos como um corpo público usado para dar prazer aos outros”<sup>23</sup>.

A hipersexualização do corpo negro e a idealização do “negão” bom de cama, selvagem e viril são alguns dos estereótipos que acompanham o ideal da masculinidade do homem negro. A construção desse imaginário, ao longo do tempo, encontra raízes no regime escravista do qual nos lembra Oliveira (2018, p. 130), haja vista que “o racismo não só reforçou a imagem do negro potente sexualmente, mas limitou o controle sobre suas vontades, estando estas submissas aos interesses do parceiro branco”.

O historiador Daniel dos Santos (2013) é cirúrgico quando relata sobre a construção do imaginário desejante pela norma instaurada do corpo masculino, branco e viril, cultuado e hegemônico dentro da comunidade gay. Esta primazia do corpo branco europeu, que afeta as subjetividades de homens negros e os fazem acreditar na sua inferioridade e na sua desumanização, é reflexo de uma colonização que não apenas explorou à exaustão corpos negros, mas também aniquilou suas subjetividades.

O autor complementa o pensamento de Frantz Fanon (2008) ao compreender a indústria cultural como fator essencial na constituição da hegemonia da estética branca eurodescendente e, por conseguinte, relegando o negro ao símbolo de feiura e do exotismo. Para ele, quando o fenômeno da glamourização de pretos pós-modernos se dá, via apropriação cultural através de veículos de comunicação, é uma forma de evidenciar

sua beleza não no sentido de emancipá-la, mas no sentido de exploração simbólica daquilo que sempre foi considerado através dos tempos como exótico, por ser diferente do padrão estabelecido pela tradição herdada do colonialismo europeu. (SANTOS, 2013, p. 91)

Stuart Hall (2016) elencou vários exemplos ao longo da História de como a mídia produziu imaginários racistas a partir de capas de revistas, desenhos animados, novelas, filmes, matérias jornalísticas, publicidades etc. Em um dos casos estudados, o teórico britânico-jamaicano comentou as sucessivas violências racistas com as quais o atleta olímpico Linford Christie teve que lidar e se posicionar durante os jogos de 1992, em Barcelona. Hall (2016) relembra a publicidade negativa que o atleta foi exposto na mídia britânica, onde Christie foi tratado com escárnio por conta da protuberância de seus genitais em um short de corrida — um dia após ele ter conquistado a medalha de ouro nas Olimpíadas.

O atleta foi objeto de várias provocações dos tablóides sobre a proeminência e o tamanho de sua ‘lancheira’ — um eufemismo aceito de forma tão literal por algumas pessoas a ponto de ele ter sido abordado por uma empresa que desejava comercializar suas lancheiras com base em sua imagem! (HALL, 2016, p.147).

Em suma, para questionar e refutar representatividades que não contemplam, ou pelo menos, não dão conta da diversidade de identidades de gays negros, jovens *youtubers*, como Spartakus Santiago, estão desenvolvendo “técnicas de si”, a partir de novas estéticas e linguagens cada vez mais remixadas e transformadas, de modo a criarem micro-resistências midiáticas capazes de confrontar narrativas distópicas de aniquilamento de subjetividades e marginalização de seus corpos abjetos.

Esse processo de empoderamento coletivo, a partir da vulnerabilidade, emerge como uma reação de sujeitos que têm, na atualidade, recursos tecnológicos que otimizam e fortalecem identidades e sociabilidades. Nesse contexto, é preciso marcar, como afirma Langdon Winner (2017), que as tecnologias incorporam formas específicas de poder, na medida em que assumem, para além de sua função e presença cotidiana, propriedades políticas engendradas nelas mesmas. Desta forma, situamos o YouTube também como aparato político: “bichas pretas” estão comungando emoções e fazendo da ambiência midiática um lugar privilegiado e disruptivo; micro-resistências às opressões racistas e lgbtifóbicas às quais estão submetidas, ainda que no campo do simbólico.

Para Jean Burgess e Joshua Green (2009), o YouTube representa o conjunto de mídia de massa do século XXI, na medida em que a plataforma promoveu uma política de cultura popular participativa. Já Henry Jenkins (2009) lembra que essa tecnologia foi fundamental para o rompimento da lógica da mídia de massa tradicional, particularmente da televisão, quando passou a funcionar e a oferecer uma produção de conteúdos alternativos em rede. É importante ressaltar que o YouTube pertence à empresa Google, uma das mais ricas do mundo. Pela estrutura mercadológica da própria ferramenta desconsideramos, evidentemente, os conflitos de interesses. Há diversas questões que envolvem coleta e uso indevido de dados, por exemplo, entre outras polêmicas que não são objetivos desse texto. A tecnologia, como afirma Andrew Feenberg (2002), engloba tanto o poder técnico, quanto o poder tático e, nesse sentido, sujeitos subordinados ao poder estratégico também têm a possibilidade de desempenharem resistências políticas, ainda que micro ou improvisadas.

Dessa forma, acreditamos que as narrativas desenvolvidas por influenciadores digitais, como Spartakus Santiago, atuam como comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014) as quais possibilitam tribalismos digitais afrocentrados, uma espécie de *devir-bicha-preta*<sup>24</sup>, cujo intuito é resgatar a autoestima de jovens gays negros e oferecer outras percepções e perspectivas de seus próprios corpos e mentes, fugindo, assim, do aniquilamento de suas subjetividades perpetrado por uma sociedade racista, machista e lgbtifóbica.

No caso dos vídeos de Spartakus Santiago, a partir das palavras de Michel Maffesoli (2014), “elos” estão sendo criados nesse cotidiano distópico, os quais possuem a potência de um ideal comunitário e sentimento de pertença, de grupo, porque “é na tribo, lugar das verdadeiras afinidades eletivas, que se opera a verdadeira realização de si”. Realização, segundo o sociólogo, que é “a constante

abertura sobre a alteridade, causa e efeito da interpenetração das consciências em que o emocional ocupa um lugar de destaque” (MAFFESOLI, 2014, p. 189).

A interpenetração das consciências, que terá a emoção como epicentro do processo interativo no YouTube, será ratificada por Spartakus Santiago ao se dirigir diretamente à audiência ao final do vídeo “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”. Nele, o *youtuber* diz:

“eu como gay negro, vocês como gays negros, nós temos que nos amar. Não só como pessoas, amor próprio, mas amar outros gays negros. Porque a gente é muito rejeitado, se não amarmos uns aos outros, iremos amar a quem? O branco bombado, o preto padrão? Vai amar só as formas de opressão?” E finaliza: “Você não está sozinho! Converse com outros gays negros, troque suas experiências. Entenda que você não é problemático (...) A gente mudando comportamentos, expondo essa realidade, faremos com que o mundo seja mais confortável e menos opressor para os próximos gays negros que virão. Por isso, valorize a bicha preta, valorize a gay afeminada, ame-as!”<sup>25</sup>

O apelo de Spartakus sugere que a alternativa à opressão se dará a partir do tribalismo que, ao que nos parece, será construído por meio e nessa ambiência midiaticizada das redes digitais. A produção de subjetividades midiáticas parece esboçar um contorno de grupo delimitado e autônomo, por

enfatar o sentimento de pertença; elemento essencial de toda estrutura tribal. Sentimento reconfortante, para além do subjetivismo moderno, o que se pode chamar de psique coletiva. Oxímoro que dá conta de uma maneira de ser e de pensar que, de fato, é mais ampla que o indivíduo, o ‘dilata’ no grupo (MAFFESOLI, 2014, p. 163 - 164).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário contemporâneo de redes digitais de conexão, compreendemos a proliferação de canais do YouTube protagonizados por “bichas pretas” como uma efervescência na cena afro-gay-digital, que reivindica discursivamente um lugar de fala (RIBEIRO, 2017) para compartilhar vivências, haja vista que a mídia tradicional<sup>26</sup> indica não contemplar a pluralidade e a positividade de suas identidades. Por conta disso, acreditamos estar diante de uma nova tecnologia de subjetivação, ou seja, um artefato político (WINNER, 2017) que se transformou em um fenômeno social. Se as relações de poder estão em frequente disputa, a cultura midiaticizada de nosso tempo se evidencia como um dos principais territórios de confronto. Como a linguagem produz e fixa significados, seus usos e aplicabilidades também são reinventados por outros sujeitos do discurso, cuja meta é criar brechas capazes de comportar novas representações e lugares de enunciação.

Os vídeos veiculados pelos canais do YouTube de “bichas pretas”, que vão moldando e apresentando tais representações, produzem um tipo de micro-resistência capaz de golpear sutilmente as distopias do cotidiano, frequentemente disputadas por grupos hegemônicos (homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros etc.) pois, nesta interação propiciada pela dinâmica do YouTube, esses sujeitos criam e estabelecem formas de intimidade, reforçando o sentimento de pertença e delimitando a formação de um grupo que comunga emoções e experiências

reiteradas de violências racistas e lgbtifóbicas, gerando outras narrativas de si mesmas.

Nessa ambiência, o YouTube se revela, para além de sua instrumentalidade, um canal importante para a vocalização de sujeitos inferiorizados e/ou submetidos às lógicas de poderes hegemônicos. Como afirma Wendell Lopes (2015, p. 120), “a tecnologia não é nada técnica, mas, antes, uma maneira pela qual o que é aparece”. Feenberg (2002) nos lembra que o fato de pessoas comuns se apropriarem de uma tecnologia no cotidiano, no ordinário dia-a-dia, é uma tentativa de encontrar significados que iluminem suas vidas. “A tecnologia não é uma coisa no sentido usual do termo, mas um processo ambivalente de desenvolvimento suspenso entre diferentes possibilidades”. A tecnologia pode ser compreendida, nesse sentido, como um campo de batalha e não como um destino irrevogável (FEENBERG apud LOPES, 2015, p.125).

Em “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”, Spartakus Santiago emerge como um potente narrador e mediador de um processo de construção identitária midiaticizada das “bichas pretas”. Ao compartilhar narrativas catárticas de seu cotidiano distópico, o *digital influencer* transforma o seu canal do YouTube em um território de expurgação emocional, e se vale da política dos afetos e das afetações para construção de um espaço de cura interativo e midiaticizado, como um alívio às reiteradas tentativas de aniquilamento de subjetividades.

Além de desenvolver comunhões emocionais entre “bichas pretas”, seu canal no YouTube acaba por se tornar uma ferramenta potente de vocalização de opressões sofridas por esses sujeitos, capaz, ainda, de apresentar outras perspectivas de vida para a elevação da autoestima e diminuição do sofrimento psíquico de muitos de seus pares. É nessa ambiência midiática que “bichas pretas”, como Spartakus Santiago, criam obras, promovem debates, provocações e reflexões sobre seus sentires e suas vivências, em uma pulsante construção identitária midiaticizada.

## Spartakus mediatized: cathartic narratives of everyday black fags

### ABSTRACT

The article belongs to an expanded research aimed at investigating the mediatized every day life of young black fags. In this section, in particular, we analyzed the video “The loneliness of black gay: outburst and message to black fags”, by youtuber and digital influencer Spartakus Santiago. From exploratory research, through bibliographic path and content analysis, we problematize the media ambience of YouTube and the role of influencers who take this space, using cathartic narratives, as a vocalization tool for marginalized and oppressed subjects by dystopian narratives arising from the white and heteronormative supremacy of society. The study is expected to understand the construction of a language that can function as a survival strategy for bodies that are in extreme violence. In other words, to demonstrate how afrocentric digital tribalisms can rescue the self-esteem of young black fags and offer other perceptions and perspectives of their own bodies and minds, thus escaping the annihilation of their subjectivities perpetrated by a racist, sexist, classist and lgbtphobic society.

**KEYWORDS:** Mediatization. Racism. Homophobia. Every Day Life. YouTube.

## Spartakus mediatizado: narraciones catárticas do cotidiano de maricas negras

### RESUMEN

El artículo pertenece a una investigación ampliada destinada a investigar la vida cotidiana mediatizada de jóvenes maricas negras. En esta sección, en particular, analizamos el video “La soledad del gay negro: arrebató y mensaje a las maricas negras”, del youtuber y el *influencer digital* Spartakus Santiago. Desde la investigación exploratoria, hasta la ruta bibliográfica y el análisis de contenido, problematizamos el ambiente mediático de YouTube y el papel de los *influencers* que toman este espacio, utilizando narrativas catárticas, como una herramienta de vocalización para sujetos marginados y oprimidos por narrativas distópicas, que surge de la supremacía blanca y heteronormativa de la sociedad. Se espera que el estudio comprenda la construcción de un lenguaje que pueda funcionar como estrategia de supervivencia para cuerpos que se encuentran en extrema violencia. En otras palabras, demostrar cómo los tribalismos digitales afrocéntricos pueden rescatar la autoestima de jóvenes maricas negras y ofrecer otras percepciones y perspectivas de sus propios cuerpos y mentes, escapando así de la aniquilación de sus subjetividades perpetrada por una sociedad racista, sexista, clasista y lgbtifóbica.

**PALABRAS CLAVE:** Mediatización. Racismo. Homofobia. Vida cotidiana. YouTube.

## NOTAS

<sup>1</sup> Nesse texto, optamos pela sigla LGBTI+, porque é a que a Aliança Nacional LGBTI+, enquanto movimento social organizado de âmbito nacional, utiliza em seus documentos oficiais. Ver <https://aliancalgbti.org.br/> Acesso em: 1º fev. 2021.

<sup>2</sup> Íntegra da “Nota de Pesar” disponível em <https://www.facebook.com/mudilgbt/photos/a.2342041802736046/2478465572427001/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>3</sup> Compreendemos distopia como um ambiente pautado por condições de extrema opressão, crueldade ou privação que se manifesta em determinado tecido social.

<sup>4</sup> Tomamos aqui o conceito de imaginário social a partir de Michel Maffesoli (2001), para quem o imaginário é uma construção mental, que ultrapassa o indivíduo, impregna o coletivo ou parte da própria coletividade.

<sup>5</sup> O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de países que mais mata LGBTI+ no mundo. Em 2017, o país registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia. De acordo com a ONG Transgender Europe (TGEu), entre 2008 e junho de 2016, 868 travestis e transexuais perderam a vida de forma violenta. Ler “Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo”. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>6</sup> Plataforma de compartilhamento de vídeos criada em 2005. Em 2020, conta com mais de 2 bilhões de usuários, estando presente em mais de 100 países. Disponível em: <https://www.youtube.com/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>7</sup> Relatório produzido pela agência Quartz. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCnQvEAzKAnc5lz0h6qwPL-w> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/creators-for-change/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=v3\\_lmunR02c](https://www.youtube.com/watch?v=v3_lmunR02c) Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>11</sup> Segundo Rodney William (2019, p.29), “apropriação cultural é um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando significados de suas produções, costumes, tradições e demais elementos”.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc\\_yuk](https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc_yuk) Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6574742/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>14</sup> Ler “Instagram e saúde mental: como a rede pode ser tóxica para os usuários”, matéria publicada em VEJA SP de 31 de julho de 2019, edição nº 2645. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/instagram-saude-mental-depressao-ansiedade/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>15</sup> Ler “O que é colorismo, o conceito que está na boca de youtubers contra o racismo”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/o-que-e-colorismo-o-conceito-que-esta-na-boca-de-youtubers-contra-o-racismo,9910a79d66a706e060e9631f4e06b06ccp21vjg0.html> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/space/rio/> Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>17</sup> Análise de conteúdo a partir de Laurence Bardin (2009), para quem a função central desse tipo de investigação é o desvendar crítico.

<sup>18</sup> Não há um conceito definido sobre “bicha preta”, inclusive muitas vezes escrito com “x”. Nesta pesquisa exploratória, optamos por seguir a expressão que intitula o vídeo analisado. A hipótese que temos é de que o uso da expressão é uma das características identitárias de jovens gays negros como ressignificação e orgulho, na medida em que o termo comumente é usado para depreciação e escárnio.

<sup>19</sup> Baruch de Spinoza, filósofo do século XVII, defendia que o afeto é uma transformação que acontece simultaneamente no corpo e na mente. Ver mais sobre in: *Ética* (1677). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

<sup>20</sup> Compreendemos que as estruturas sociais, a partir de Foucault, estão impregnadas de relações de poder, que podem ser exercidas no dia a dia por indivíduos, no âmbito familiar, na escola, na política etc. Geralmente, não são maleáveis e cristalizam estados de dominação de indivíduos ou grupos sobre outros, gerando um campo complexo de disputa de forças: branquitude x negritude, heteronormatividade x homossexualidade, feminismo x machismo etc.

<sup>21</sup> A partir de Michel Foucault (2014), “sujeitos assujeitados pelo poder”.

<sup>22</sup> A partir de Michel Foucault (2014), “sujeitos assujeitados pelo poder”.

<sup>23</sup> A partir de Michel Foucault (2014), “sujeitos assujeitados pelo poder”.

<sup>24</sup> Compreendemos “devir”, a partir de Deleuze e Guattari, para quem os processos de subjetivação podem ter um ponto de partida, mas não necessariamente um fim. São processos perenes e de um “tonar-se” algo em constante mudança.

<sup>25</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc\\_yuk](https://www.youtube.com/watch?v=-AsqVkc_yuk) Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>26</sup> Compreendemos como mídia tradicional a propagação de conteúdos a partir de veículos de comunicação offline, como TV, rádio, jornais, revistas, outdoors etc.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:

[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf). Acesso em: 7 fev. 2021.

BORRET, Rita. **O aumento no índice de suicídio de negros no Brasil**. Entrevista concedida a André Cabette Fábio. Nexo Jornal, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/07/O-aumento-no-%C3%ADndice-de-suic%C3%ADdio-de-negros-no-Brasil>. Acesso em: 7 fev.2021.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos aos gêneros**. Estudos Feministas, ano 10, 1º semestre, p. 171-188, 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEENBERG, Andrew. **Transforming technology: a critical theory revisited**. New York: Oxford University Press, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política** (Ditos e escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. São Paulo: Ed. Apicuri, 2016.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, Wendell Evangelista Soares. **Andrew Feenberg e a bidimensionalidade da tecnologia** Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 27, n. 40, p. 111-142, jan./abr. 2015.

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões**. Campinas: Papyrus, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 15, p.74-82, 2001.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, M; SILVA JÚNIOR, P. [org] **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.



REZENDE RIBEIRO, Renata. **Réseaux d'affects et d'intolérance**: l'imaginaire politique et la catharsis dans le quotidien médiatisé. Sociétés (Paris), v. 142, p. 47-56, 2018.

REZENDE RIBEIRO, Renata. Fragmentos de intolerância: política, afeto e catarse no cotidiano das redes sociais. In: RÉGIS, Fátima; MAIA, Alessandra; JORGE, Marianna. (Org.). **Performance, corpo e subjetividade nas práticas de comunicação contemporâneas**. 1ed. Porto Alegre: Editora Sulina, v. 1, p. 189-206, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Daniel. **Na cama com o super negão**: erotismo e sexualidade do homem negro na Bahia do tempo presente. 2013. Monografia de Graduação – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2013.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.

WINNER, Langdon. **Artefatos têm política?** Revista ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 21 nº 2, p. 195-218, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/analytica/article/viewFile/22470/12527>. Acesso em: 7 fev. 2021.

**Recebido:** 30/04/2020.

**Aprovado:** 22/01/2021.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n44.12148.

**Como citar:** REZENDE, Renata; COTTA, Diego. Spartakus midiatisado: narrativas catárticas do cotidiano de bichas pretas. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 320-336, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Renata Rezende Ribeiro**

Rua Alexandre Moura, nº 8, bloco A, São Domingos, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

